



4163 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT08 - Formação de Professores

A CULTURA LÚDICA NA FORMAÇÃO DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE O BRINCAR LIVRE DAS CRIANÇAS

Marilete Calegari Cardoso - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não consta

Esta comunicação apresenta reflexões provindas de uma pesquisa de doutorado em andamento. O estudo visa compreender os sentidos construídos por professoras do ensino fundamental I sobre o brincar livre de crianças e suas ressonâncias para a profissionalidade docente, de uma escola pública do estado da Bahia, tendo como dispositivos o ateliê *Catadoras do Brincar* e o projeto *Baú Brincante* – estuda o potencial do brincar livre e da cultura lúdica, por meio da exploração de materiais não estruturados por crianças de 6 a 8 anos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa – por meio da pesquisa - ação, ancorada na fenomenologia compreensiva de Maffesoli. Foram utilizados os instrumentos de coleta, o diário de campo, fotografias e as narrativas experipoéticas. Os sujeitos são os professores de 1º ao 3º ano que tenham aderido voluntariamente à proposta de trabalho. Os dados preliminares indicam que as professoras se colocam como aprendizes do brincar livre de seus alunos, quando estabelecem relações significativas entre o processo formativo; e apoia-se na constatação de que somente pelo observar e vivenciar a experiência lúdica da infância, o docente pode sensibilizar o olhar e mobilizar-se para a valorização do brincar livre da criança e a cultura lúdica no ambiente escolar.

Introdução

A experiência formativa acerca do brincar livre – também denominado de brincar social espontâneo (LOPES, 2018) -, para os profissionais docentes do ensino fundamental pode ser um caminho para se compreender as demandas socioculturais locais e, também, de entendimento que se tem sobre a formação integral do sujeito. Pensar pesquisa sobre o brincar livre e a cultura lúdica no ambiente escolar é, segundo Negrine (2001, p.42), “antes de qualquer coisa, adotar estratégias de intervenção pedagógica que possibilitem não apenas oferecer e oportunizar momentos lúdicos”, mas que possam extrair fundamentos, permitindo compreender os sentidos que as pessoas atribuem a estes momentos. Assim, surge a necessidade de novas investigações interligando o brincar, a formação do professor e a profissionalidade docente, como campos de saber que estão dialética e intrinsecamente relacionados.

O brincar livre é a principal atividade da infância, porque é a forma de viver da criança, sendo a brincadeira sua maneira de se experienciar e constituir-se (MACHADO, 1998). No ambiente escolar, essa atividade ganha uma importância significativa, pois, se trata de um envolvimento de infantes em *espaço social*, envolvendo criação e liberdade. Porém, há muitas instituições – principalmente as de ensino fundamental – que pouco ou nada conhecem da prática e do resultado das experiências da livre escolha que são genuínas produtoras de culturas intermediadas pelas linguagens, movimentos, gestos e imaginação operados no universo da infância.

Corroboramos com D’Ávila e Leal (2015), quando nos sinalizam que, a formação contínua dos profissionais docentes necessitam da estar afinada com olhar para as culturas escolares, principalmente, à cultura lúdica. Para os autores é com base nesse saber sensível que a profissionalidade se origina, sobretudo, de uma capacidade criativa e de resistência, a nosso ver, imanente às práticas sociais. Assim, entendemos a necessidade de uma formação sensível no espaço escolar, por meio de experiências de construção de sentidos e reflexões relacionais que possibilitem o debate compreensivo sobre uma escuta mais atenta da sensibilidade para/com o brincar livre no ambiente escolar.

Pesquisar o sentido/experiência na educação, não é algo novo. Pensadores como (LARROSA BONDIA, 2002; MAFFESOLI, 2005, dentre outros) reforçam a emergência da experiência de vida como compreensão das realidades humanas, sendo a expressão da temática sensível e, como ressalta Maffesoli (2005, p. 16), “um caminho aberto para sensibilidade”, ou seja, compreender a formação como um fenômeno, se fazendo, se compreendendo e se existindo. Entendemos, portanto, que abrir espaço às narrativas “a partir do par experiência/sentido” (LARROSA BONDIA, 2002, p. 21), individuais e coletivas é dar voz aos professores, para que possam ser ouvidos, estabelecendo uma relação de dialogicidade, de modo que eles se sintam implicados.

Neste sentido, o trabalho ora apresentado é parte de uma pesquisa de doutoramento, “*Catadoras do Brincar: o olhar das professoras para/com o brincar livre de crianças do ensino fundamental I*”, que se encontra em desenvolvimento. Nesse estudo propomos a experiência da pesquisa - formação (MACEDO, 2006), às professoras (sujeitos da pesquisa), num movimento de decompor e compor novos sentidos, permeado de intercâmbio de olhares e escutas sensíveis, na qual elas puderam compreender o fenômeno das brincadeiras espontâneas dos acontecimentos que surgem decorrentes da situação formativa, de observar o brincar livre das crianças a partir do projeto “*Baú Brincante*” [1]. Pretendemos com esta investigação compreender os sentidos construídos pelas professoras, do 1º ao 3º do ensino fundamental dos nove anos, sobre o brincar livre de crianças, tendo o *Baú Brincante* atrelado ao ateliê didático como dispositivos de formação sensível. Para este trabalho, portanto, discutiremos os sentidos produzidos pelas professoras, em forma de narrativas poéticas, acerca do brincar livre das crianças, especificamente, a partir de suas observações e compreensões.

Desenvolvimento

Nesta pesquisa qualitativa escolhemos o método Etnopesquisa e Formação (MACEDO, 2006), atrelada ao método (auto) biográfico numa didática sensível (D'ÁVILA & MADEIRA, 2018) e ancorada na fenomenologia compreensiva de Maffesoli (1988, 2001 2005, 2010). Adotamos a abordagem fenomenológica porque seus estudos nos levam a pensar sobre os fenômenos da vida social e a noção de sensibilidade para compreensão da vida cotidiana, abre caminhos para pensarmos sobre a presença e ausência das coisas. E, também, pelo nosso desejo de querer “compreender as compreensões” (MACEDO, 2010), das professoras acerca do brincar livre das crianças, durante o desenvolvimento do projeto “Baú Brincante”. Utilizamos como dispositivos da pesquisa a observação do Baú Brincante atrelado ao ateliê; como técnicas auxiliares de colheita das informações: fotografias, narrativas orais e escritas.

Assentimos uma experiência formativa, embasada no paradigma da razão sensível de Maffesoli (1988; 2005), que agrega o cotidiano, a narrativa, a sensibilidade, a experiência e o fazer inventivo-criativo. Por isto, oportunizamos caminhos para que as professoras pudessem produzir suas narrativas, redescobrimo o sentir, o pensar e o agir, como uma potência poética e criativa. Inspiradas na poesia experimental portuguesa (AGUIAR, 1999), criamos o termo *experipoética* - uma junção das palavras experiência e poética, que significa formas experimental de intuir, imaginar e metaforizar, levando-as a compreender de maneira criativa e conferindo-lhes um sentido novo para o brincar livre das crianças, e, também, reforçando o papel da sensibilidade na formação humana.

O lócus do trabalho constituiu-se de uma escola da rede municipal do estado da Bahia. Os sujeitos são cinco professoras e um professor – James, Amor, Luz, Vida, Marina e Flor, que trabalham com as turmas de 1º ao 3º ano, nas quais aceitaram, voluntariamente, aderir à proposta do estudo. O desenvolvimento da pesquisa segue as seguintes etapas: 1) Observação participada do projeto Baú Brincante, com registros fotográficos e poéticos realizados pelas professoras sobre o brincar livre das crianças; 2) Ateliê formativo – Catadoras do Brincar - espaço de diálogo e partilhas de narrativas acerca da observação do Baú Brincante. Os resultados aqui discutidos se referem às narrativas poéticas produzidas pelas professoras Luz e Vida, especificamente, a partir de suas observações e compreensões acerca do brincar livre das crianças, como aquilo que as tocou, durante o projeto Baú Brincante e no ateliê formativo.

Os achados iniciais da pesquisa

O brincar livre tem papel vital para a formação integral das crianças. Por desvelar uma atividade predominante da criança, a brincadeira torna-se o caminho na cultura à qual ela pertence, que é denominada de “cultura lúdica” (BROUGÈRE, 2006). É por meio do brincar que elas adquirem experiências e desenvolvem seu conceito sobre o mundo, pois se trata de uma ação que as motiva a explorar, experimentar e a recriar. Enfim, ela cria ideias sobre esse mundo, revelando carências, interesses, desejos e experiências. Tais afirmações são também percebidas pela professora Luz, que ao ver as crianças brincarem livremente descreve no seu poema a seguir:

Brincar com risos e graças

D olhar o infinito cheiro de esperança

Do gritar ao vento e o vento levar com força

Do tocar, explorar e criar novo brincar

Do sentir como verdadeiros heróis, madames, arquitetos, engenheiros, donas de casas... e infelizmente assaltantes...

O universo do brincar remete à realidade de cada ser

de cada explosão de emoções!

Brincar livre é para ser livre para brincar!

(Profª Luz)

Ao ler o poema, percebemos vestígios e marcas do sentido da liberdade, movimento e leveza que o brincar possibilita para as crianças. O mesmo tempo, o ato de brincar proporciona um amplo espaço para a expressão do que se possa imaginar, desde a réplica e a simulação de um objeto, pessoa, evento ou lugar, até ações que não façam “sentido”. Ampliando o olhar do brincar livre numa perspectiva orgânica, Maffesoli (2001) nos convida a pensar sobre o ritual na vida social como uma potencialização do sensível e que torna visível um “entre-espaço”. Ele diz: “o jogo nos faz ver claramente a importância desse vasto campo que é a sociologia da vida cotidiana e das diversas práticas dos modos de vida” (p. 196). Compreendemos, aqui neste estudo, o brincar livre ser uma experiência performance (SUTTON-SMITH, 2017) que deixa fluir o espírito livre da criança para interagir, imaginar, criar cenas das minúsculas situações da vida cotidiana. Ele é o *interjogo* – a palavra é a junção de *inter*, que vem do latim, que significa *entre*, e *jogo*, também do latim, *jocus*, que quer dizer *brincadeira* - que quer dizer tudo aquilo que se situa entre a experiência e o ato da brincadeira, manifestando a própria cultura nas performances do cotidiano.

Na condição de criador, a criança quando está envolvida na brincadeira percebe que pode livremente expressar o que pensa e sente dialogando consigo (interioridade) e com o contexto que o cerca (exterioridade). Ela exprime, na longa duração, aquilo que de diversas maneiras se podem chamar de espontaneidade vital, o vitalismo ou “elã vital” (MAFFESOLI, 2005, p.173). Em geral, a intuição, o espaço, o instante vivido e as modulações diversas potencializam a liberdade. Como é narrado no poema da professora Vida:

O Brincar Livre

É um brincar diferente

Que mexe com coração

É deixar o faz de conta

Se fazer presente em cada situação

É dar sentido a fantasia...

Que se constrói com muita diversão

Neste faz de conta,

As crianças dão asas á sua imaginação
Neste momento brincante
Acontece um turbilhão de emoção
Desencadeia vários sentimentos
Uma grande explosão...
Surge o amor, participação, comoção,
Confusão, aprendizado e muita colaboração.
Alegrias, gargalhadas e um pouco de competição.
Solidariedade, descobertas e muita fascinação...
Tudo isso em forma de brincadeira
Um misto de sentimentos
que toca meu coração
(Prof.ª **Vida**)

Olhar e ser capaz de detectar as potencialidades e fragilidades do brincar livre das crianças é, também, um caminho para aguçar a curiosidade e as ressonâncias da sensibilidade num território de pertencimento; abrindo as portas para as manifestações biológicas, psicológicas, fisiológicas e socioculturais, mediado pelo "compartilhamento de paixões e emoções coletivas" (MAFFESOLI, 2010, p. 225). Em seu sentido estrito, um vínculo criado a partir da partilha entre a beleza e as emoções que ela não deixa de provocar, das produções culturais dos adultos para as crianças e das criações geradas pelas crianças nas suas interações, cultivando a sensibilidade e a afetividade como canais de abertura da imaginação em direção ao mundo.

Considerações em Aberto

Os dados preliminares indicam que a importância e as vantagens do brincar livre para a vida das crianças, pois é um vetor cultural que envolve a criatividade, a descoberta, a inventividade e a autoria na produção da cultura lúdica. Nesse sentido, o brincar livre vem ao encontro das novas perspectivas pedagógicas por facilitar o *interjogo* do sentir e do pensar. Fonte de potência, ele conduz, pelo caminho da sensibilidade, do compartilhamento e da criatividade até alcançar a interculturalidade. Apontam, também, que as professoras se colocam como aprendizes sobre o brincar livre de seus alunos, quando estabelecem entre a experiência como professoras pesquisadoras e a formação uma relação de diálogo e um espaço aberto para partilha. Apoiamos na constatação de que somente pelo observar e vivenciar a experiência lúdica da infância, o adulto pode sensibilizar o olhar e mobilizar-se para a valorização do brincar livre da criança como uma ação. É imperioso, portanto, que as escolas e profissionais dos primeiros anos do ensino fundamental se deem conta da evidente relevância dos resultados pedagógicos observados nas brincadeiras espontâneas na infância e no ambiente escolar.

Referências

AGUIAR, F. **Os olhos que o nosso olhar não vê** Lisboa, Editora: Associação Poesia Viva, 1999. 86 p- ISBN: 972-95383-2-8. Disponível em: <http://po-ex.net/taxonomia/materialidades/planograficas/fernando-aguiar-os-olhos-que-o-nosso-olhar-nao-ve>. Disponível em: 15 nov.2017.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2006.

D'ÁVILA, C.; LEAL, L. B.. Docência universitária e formação de professores – saberes pedagógicos e constituição da profissionalidade docente. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.21, n.45, p. 467-485, mai./ago. 2015.

_____. MADEIRA, A.V (Org.). **Ateliê didático**: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários. Salvador: EduFBA, 2018.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Anped, São Paulo, n. 19, p 20-28, jan./abr. 2002.

LOPES, C. O. Aprender e ensinar a brincar. In: D'ÁVILA, C; FORTUNA, T. R. (Orgs.). **Ludicidade, Cultura Lúdica e Formação de Professores**. Editora CRV, Curitiba, 2018. pp.63-85

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa – Formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

_____. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

MACHADO, M. M. **A Poética do Brincar**. Edições Loyola, São Paulo, 1998.

MAFFESOLI, M.. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **A conquista do presente**. Natal (RN): Argos, 2001.

_____. **Elogio da razão sensível**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Saturação** (1944); tradução de Ana Goldberger. — São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010. 120 p.

NEGRINE, A. Ludicidade como ciências. In: SANTOS, S. M. P.(Org.) **A ludicidade como uma ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SUTTON-SMITH, B. **A ambiguidade da brincadeira**. (Revisão Técnica da Tradução de Tânia Ramos Fortuna). Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

[1] Trata-se de uma pesquisa interinstitucional realizada por determinadas universidades da Bahia, desenvolvida entre o período de 2016 a 2017. O objetivo do estudo Baú Brincante foi compreender acerca do potencial dos objetos não estruturados, ou materiais recicláveis para produção do brincar livre das crianças e sua relevância na difusão da cultura lúdica. Ao mesmo tempo, ser um caminho de aprendizagem que o professor tem diante de si para descobrir, conhecer e valorizar o acervo cultural da infância.